
UM ESTUDO DAS NEGAÇÕES

DE PEDRO A PARTIR

DA EXEGESE DE JOHANNES

BEUTLER*

DOI 10.18224/frag.v30i3.8503

ANDERSON FREZZATO**

Resumo: este artigo se propõe a fazer um estudo exegético das negações de Pedro relatadas no Evangelho de João à luz das contribuições do exegeta alemão Johannes Beutler. Predito por Jesus, Pedro irá negá-lo publicamente. Estando no pátio do Sumo Sacerdote Caifás, o discípulo é questionado sobre sua pertença ao grupo daqueles que seguiam Jesus mais de perto. Pedro responde negativamente as três vezes em que é inquirido. Para o Evangelista João, a negação de Pedro é uma falta de testemunho de quem é Jesus. A tríplice negação se configura, então, como não somente uma fraqueza do discípulo, mas como um aniquilamento de sua personalidade em sendo um escolhido por Jesus. Aos poucos a voz de Pedro desaparece para dar lugar apenas à voz do galo que canta encerrando o trecho das negações. O artigo é dividido em três partes: a primeira negação; inquirido de Jesus diante do Sumo Sacerdote; e a segunda e terceira negações, que no Evangelho de João são descritas continuamente.

Palavras-chave: *Evangelho de São João. Negação. Pedro. Johannes Beutler*

Em 2018, a convite do Curso de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e do grupo de pesquisa Literatura Joanina, abrigados pela mesma Universidade, Johannes Beutler ministrou aula sobre o Evangelho de São João. Beutler foi professor na Faculdade de Filosofia e Teologia St. Georgen, em Frankfurt, Alemanha, no Pontifício Instituto Bíblico de Roma, na Itália, e na Pontifícia Universidade Gregoriana, também em Roma. Atualmente é professor emérito.

Johannes Beutler é reconhecido internacionalmente como pesquisador na área de Exegese Bíblica na Literatura Joanina. Publicou em 2013, pela Editora Herder, um grande comentário sobre o Evangelho de João cujo título é *Das Johannesevangelium. Kommentar*. No Brasil, a versão em português foi publicada pela Editora Loyola, em 2016 com o título *Evan-*

* Recebido em: 04.09.2020. Aprovado em: 09.10.2020.

** Doutorando em Teologia no Programa de Pós-graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
E-mail: afrezzato@gmail.com.

gelho segundo João. Comentários. Trata-se de uma das mais significativas referências teóricas atuais para os estudos do Evangelho de São João. Visando trazer à tona as contribuições de Beutler para os estudos bíblicos, este artigo tem por objetivo fazer uma análise sobre as negações de Pedro relatadas pelo Evangelista João, à luz da exegese de Johannes Beutler.

Para contemplar esse objetivo, o artigo é desenvolvido em três partes. A primeira parte se refere à primeira negação de Pedro relatada em Jo 18,15-18, sendo apontado o lugar em que se deu o fato, os personagens do enredo e seu desenvolvimento. A segunda parte trata do diálogo de Jesus com o Sumo Sacerdote Caifás. Esse diálogo é somente encontrado no Evangelho de João e colocado no contexto das negações para ressaltar a figura de Jesus e alavancar a ideia da pequenez de Pedro, incapaz de confessar seu compromisso com Jesus. A terceira parte aborda a segunda e a terceira negação as quais são colocadas de modo contínuo no trecho de Jo 18,25-27.

Por meio deste artigo, pretende-se retomar para os estudos bíblicos a temática das negações de Pedro, mantendo diálogo com um referencial teórico atual. Não se trata de uma forma de esgotar o assunto, mas as proposições aqui relatadas podem servir para maior aprofundamento sobre essa temática ou surgimento de debates e, possivelmente, o aparecimento de novas questões, o que poderá tornar frutífero o trabalho e mais metodologicamente acertado no que se refere às pesquisas exegéticas do Evangelho de João.

PRIMEIRA NEGAÇÃO DE PEDRO - Jo 18,15-18

15Ora, Simão Pedro, junto com outro discípulo, seguia Jesus. Esse discípulo era conhecido do Sumo Sacerdote e entrou com Jesus no pátio do Sumo Sacerdote. 16Pedro, entretanto, ficou junto à porta, de fora. Então, o outro discípulo, conhecido do Sumo Sacerdote, saiu, falou com a porteira e introduziu Pedro. 17A criada que guardava a porta disse a Pedro: “Não és, tu também, discípulo deste homem?”. Respondeu ele: “Não sou”. 18Os servos e guardas tinham feito uma fogueira, porque estava frio; em torno dela se aqueciam. Pedro também ficou com eles, aquecendo-se.

Uma visão geral destes versículos permite localizá-los dentro do enredo da chegada de Jesus ao Getsêmani e sua saída em direção a Caifás para o interrogatório. Esta passagem da primeira negação de Pedro está situada justamente nesse percurso de Jesus e pertence a um subconjunto de Jo 18,1-27. Ao todo, o personagem Pedro aparece, ao menos, quatro vezes no desenvolvimento do capítulo, sendo elas: a ação de Pedro e sua censura da parte de Jesus (Jo 18,10-11); a primeira negação de Pedro (Jo 18,15-18); e a segunda e terceira negação de Pedro (Jo 18,25-27). Comentaremos, portanto, a primeira cena em que Pedro aparece, no capítulo 18 (BEUTLER, 2016, p. 414).

A primeira negação de Pedro está localizada pouco anterior à chegada de Jesus ao palácio do Sumo Sacerdote Caifás, o que difere da organização proposta pelos sinóticos, que localizam a primeira negação de Pedro já dentro do contexto do interrogatório, seguindo-o. Possivelmente o desejo de João está em manifestar a existência de uma certa distância entre Pedro e Jesus pelo fato de o discípulo ainda não ter entendido a proposta do Mestre, que estava assumindo a realidade premente da morte, dentro do plano salvífico de Deus em relação à humanidade. Antes do episódio em questão, Pedro, armado, tentara defender seu Senhor, ferindo um soldado romano que executava a ordem de detenção contra Jesus, conforme expli-

cita Jo 18,10-11 (BEUTLER, 2016, p. 414). De todo modo, parece-nos ser notório o esforço do evangelista em apontar a diferente posição entre Jesus e Pedro ressaltando a ideia de que Jesus, a partir do momento de sua captura, fará o caminho da cruz sozinho.

Como vemos no texto, Pedro segue Jesus no caminho que o leva até o sacerdote Anás. No entanto, não é o caminho de um devoto, mas, sim, de alguém que faz o trajeto sem saber o porquê ou mesmo sem dar certa importância ao que estava acontecendo. João marca o episódio com certa ironia quando utiliza o verbo *ekolouíthei* (seguir) para mostrar a ação de Pedro que segue Jesus apenas no espaço e de modo aparente. Não faz tal caminho como discípulo. A decisão de Jesus de não se opor, quiçá até violentamente, ao que sucedia, faz com que Pedro deixe de seguir a Jesus como discípulo, tornando-se apenas um mero espectador do desenrolar dos acontecimentos. No entanto, de qualquer modo, embora com ajuda, Pedro consegue entrar no pátio do palácio de Anás.

Algo inesperado acontece. A atendente da porta reconhece Pedro como discípulo de Jesus e o questiona perguntando se Pedro não é de fato discípulo dele. Mesmo que os outros tivessem Pedro como discípulo de Jesus, Pedro já havia iniciado o caminho de distância em relação a Jesus que culminaria na sua negação. Como resposta para o questionamento feito, Pedro responde que não era. Segundo Beutler, a negação é mais contundente quando se lê o texto em grego: o “não sou” afirmado por Pedro (*ouk eimi*). É a inversão da afirmação da identidade de Jesus que respondeu: “sou eu” (*ego eimi*), em resposta à pergunta dos romanos para identificá-lo em meio do grupo apostólico (BEUTLER, 2016, p. 415).

Nesta parte do relato, podemos fazer um paralelo bastante interessante. O versículo 16 afirma que Pedro ficou à porta. Lembremos a passagem de Jo 10,1-4, quando Jesus diz ser ele mesmo a porta pela qual passam as ovelhas e que o verdadeiro pastor também passa por essa porta. Todo aquele que é convidado para passar pela porta se associa a Jesus no pastoreio. Toma as mesmas tarefas de Jesus, ser o pastor que dá a vida. No entanto, Pedro fica à porta, não toma a decisão de assumir seu chamamento para o pastoreio. Com efeito, pode ser que Pedro estivesse disposto a dar sua vida por Jesus, como evidencia Jo 13,36-37. No entanto, o mesmo não pode ser dito em relação ao povo de Deus (MATEOS; BARRETO, 1999, p. 475).

Sentindo frio, Pedro fica com um grupo distinto que fizera por ali, no pátio, uma fogueira para se esquentar. O frio não estava atingindo apenas o corpo externo de Pedro, mas também seu coração. Já não era mais possível aquecer o seu coração perante o coração de Jesus. O Mestre o fará somente depois de sua ressurreição quando se encontra com Pedro e o aquece com a fé pascal, provocando de Pedro uma tríplice confissão de amor. É preciso nos adiantarmos para não somente relacionar a tríplice negação com a tríplice afirmação de amor, como se esta última substituísse a outra. Para além disso, trata-se da reabilitação de Pedro como discípulo e também como delegado por Jesus para cuidar das ovelhas que o Pai lhe havia dado. Jesus renova o primeiro chamado de Pedro cuja negação não foi capaz de destruir tanto do coração do discípulo quanto do coração do Mestre.

Quem lê o Evangelho de João atentamente e procura fazer análise das posturas de Pedro perceberá que, segundo João, Jesus não chama Pedro de primeiro momento, mas Jesus é apresentado por André, seu irmão. André apresenta Jesus a Pedro já confessando uma fé messiânica, pois diz André a Pedro que “encontramos o Messias, o Cristo” (Jo 1,41). Não estaríamos à beira de erro se afirmarmos que possivelmente Pedro não havia ainda se convencido de que esse tal Jesus de Nazaré seria de fato o Messias, como afirmou, de modo contundente, seu irmão André. Por ocasião desse encontro, Jesus olha para Pedro e lhe diz, com

conhecimento, seu nome hebreu, Simão, o nome de seu pai, João, e, sem explicação, a doação de novo nome, Cefas - que significa pedra, decorrendo desse fato a missão futura dele: de ser pedra e sustento para fé dos irmãos. O evangelho de João, silencioso, não descreve qualquer reação de Pedro diante desse encontro com Jesus.

É interessante notar que os Evangelhos Sinóticos apontam uma importância muito maior sobre Pedro em relação àquela apontada por João em seu escrito. Nos Sinóticos, Pedro aparece como porta-voz do grupo dos discípulos e, de alguma forma, exerce influência sobre os demais. Em João, Pedro tem um perfil muito baixo e em tantos momentos bastante negativo, pois aparece como um personagem que possui pouca inteligência de fé, ou seja, não compreende Jesus e tampouco é fiel ao Senhor.

INTERROGATÓRIO DE JESUS (18,19-24)

19O Sumo Sacerdote interrogou Jesus sobre seus discípulos e sobre a sua doutrina. 20Jesus lhe respondeu: “Falei abertamente ao mundo. Sempre ensinei na sinagoga e no Templo, onde se reúnem os judeus; nada falei às escondidas. 21Por que me interrogas? Pergunta aos que me ouviram o que lhes falei; eles sabem o que eu disse”. 22A essas palavras, um dos guardas, que ali se achavam, deu uma bofetada em Jesus, dizendo: “Assim respondes ao Sumo Sacerdote? 23Respondes Jesus: “Se falei mal, testemunha sobre o mal; mas, se falei bem, por que me bates?”. 24 Anás, então, o enviou manietado a Caifás, o Sumo Sacerdote.

A sequência do relato das negações de Pedro sofre um corte no Evangelho de João. Os sinóticos relatam as negações de Pedro de modo contínuo. No entanto, no Evangelho joanino existe entre a primeira negação e as demais o fato do interrogatório de Jesus diante do Sumo Sacerdote Anás e a sua ida a Caifás (BEUTLER, 2016, p. 418). Este episódio possui, dentre os principais críticos, quase que de modo unânime, a certeza de sua existência histórica. Parece ser o intuito de João não levantar grandes pormenores na discussão com Anás, mesmo encontrando-se no trecho o propósito deste de interrogar Jesus sobre sua doutrina. A respeito da doutrina, Jesus já havia discutido amplamente nos diversos encontros que havia tido com os judeus, representados nos mais diversos grupos: os fariseus, saduceus e mestres da lei. Nesse sentido, não é estranho que Jesus levante diante do Sumo Sacerdote nenhuma testemunha sobre suas palavras, a não ser os próprios judeus que o fizeram estar diante do Sumo Sacerdote (JAUBERT, 1982, p. 95).

Não seria exagero afirmar que o encontro com Anás se trata de uma oportunidade de defesa e Jesus sabe muito bem disso. Aliás, todo o enfrentamento de Jesus com os judeus foi livre e às claras, não havendo nada de oculto nas suas atitudes e nas suas palavras. As palavras de Jesus, “abertamente ao mundo” (*parresia* – abertamente) e “nada às escondidas”, denotam o estilo próprio de João ao levantar sempre os contrários ou situações conflituosas, como por exemplo luz e trevas; vida e morte (MINCATO, 2007, p. 50) tratando-se de um recurso literário de ênfase e destaque. É possível que João tente demonstrar a Anás que Jesus tinha, de todo modo, certa liberdade de atuação dentre o povo, pois as autoridades judaicas estavam em dúvida se ele era o messias esperado ou era um outro impostor. Assim sendo, Anás não estava disposto a resolver esse dilema (BEUTLER, 2016, p. 418).

Anás sabe tudo a respeito de Jesus. Todavia, à semelhança de uma parte dos judeus, que seguia a Jesus, não como seus discípulos, mas como inquisidores, Anás resolve fazer per-

guntas a Jesus. Nem Jesus, nem Anás levam a sério tal encontro. Ainda nesse episódio, uma informação não pode passar despercebida. Jesus é levado a Anás e depois a Caifás. Caifás exercia a função de Sumo Sacerdote oficial depois que Anás encerrou suas atividades em Jerusalém. Do encontro de Jesus com Caifás nada se sabe pelo Evangelho de João. A família de Anás, ou seja, seus cinco filhos foram Sumo Sacerdotes, além de Caifás, seu genro. Os judeus, mesmo sabendo que Caifás presidia a corte de julgamento religiosa, primeiramente levam Jesus a Anás. O detalhe é o campo de influências religiosas da família de Anás perante o Sinédrio. O silêncio de Anás e a indiferença de Caifás denotam, no relato joanino, a propositura de que a religião judaica não encontrava em Jesus nenhum delito para a condenação (BEUTLER, 2016, p. 418).

Quando Jesus responde a Anás que ensinou abertamente e devolve, no trecho, uma pergunta, “porque me interrogas?”, o Sumo Sacerdote nada responde. No entanto, na passagem há uma ação que merece ser destacada: o silêncio de Anás dá lugar à reação de seu servo que desfere uma bofetada em Jesus. Jesus fará quase todo o percurso para o monte Calvário sem abrir a boca. Essa é a postura que Jesus assumirá depois de passar pelo interrogatório religioso de Anás e Caifás e pelo interrogatório civil de Pilatos. Antes, Jesus aproveita a oportunidade, através do seu silêncio de mais uma vez levantar os judeus como suas testemunhas. Ninguém é contrário em afirmar que o servo de Anás é um membro do povo judaico. No Evangelho de João, ainda que se possa dar assentimento à alguma dúvida da procedência do servo, no Evangelho de João, ele responde pelos judeus.

A ausência de outros personagens não é desproposita. Figura a intenção joanina de mostrar o abandono de Jesus por parte de seu povo, pelo qual, eminentemente, entregará a própria vida. Além do mais, a reação do servo de Anás, tem um significado maior. Não se trata apenas de uma reação casual; não desejam apenas que Jesus fique em silêncio, abandonado pelos seus compatriotas; mas pretendem puni-lo como subversivo perante a religião e o poder civil romano, eliminando-o da sociedade. A intenção é fazer Jesus desaparecer, pois é um incômodo. A tríplice negação de Pedro pode, certamente, ser inserida dentro desse contexto. A negação de Pedro, nesse sentido, pode ser compreendida não somente como um tipo de negação que anula a sua relação com Jesus no presente, naquela hora; porém desde o início. Não se trata apenas de uma negação de conhecer, mas, sim, de saber quem é. Ocorre que isso não está claro para muitos dos discípulos que precisarão do evento da Ressurreição para saber quem é Jesus. Trata-se, deste modo, de negar sua pertença ao grupo dos íntimos de Jesus e de todo modo, a pessoa do Mestre. Em todo o caso, no interrogatório frente a Anás, Jesus “se mostra a par da situação e até superior” (BEUTLER, 2016, p. 418).

SEGUNDA E TERCEIRA NEGAÇÃO DE PEDRO – Jo 18,25-27

25Simão Pedro continuava lá, de pé, aquecendo-se. Disseram-lhe então: “Não és tu também um dos seus discípulos? Ele negou e respondeu: “Não sou”. 26Um dos servos do Sumo Sacerdote, parente daquele a quem Pedro decepara a orelha, disse: “Não te vi no jardim com ele? 27Pedro negou novamente. E logo o galo cantou.

O relato da segunda e da terceira negação é contínuo, não há interrupção. No Evangelho de Marcos é reportado o canto do galo entre a primeira e a segunda negação e mais uma vez depois da terceira negação. O galo canta duas vezes no relato marcano. No Evangelho de

João, o canto do galo acontece uma única vez e somente ao final, quando ocorre a terceira negação. Nesse ponto, é preciso notificar que Beutler pode ter cometido um equívoco quando afirma, na página 418 de seu *Comentário*, que “em Marcos, uma parte dos manuscritos mencionam um canto do galo depois da segunda negação de Pedro” (BEUTLER, 2016, p. 418). No original, encontramos como na tradução em português: “*Bie Markus (14,68) berichtet ein Teil der Handschriften von einem Hahnenschrei nach der zweiten Verleugnung des Petrus*” (BEUTLER, 2013, p. 479). No entanto, não é isso que deparamos na passagem de Marcos 16,68-72 que afirma a existência do canto do galo depois da primeira e da terceira e não depois da segunda:

66Quando Pedro estava sozinho, no pátio, chegou uma das criadas do Sumo Sacerdote. 67E, vendo Pedro que se aquecia, fitou-o e disse: Também tu estavas com Jesus Nazareno. 68Ele, porém, negou dizendo: Não sei nem compreendo o que dizes. E foi para fora no pátio anterior. E o galo cantou. 69 E a criada, vendo-o começou de novo a dizer aos presentes: Este é um deles”. 70Ele negou de novo! Pouco depois, os presentes novamente disseram a Pedro: “De fato, é um deles; pois és um galileu. 71Ele, porém, começou a maldizer e a jurar: Não conheço esse homem de quem falas” 72 E, imediatamente, pela segunda vez o galo cantou.

O canto do galo, no relato joanino, significa não somente a realização das palavras de Jesus ao afirmar que o galo não cantaria sem que Pedro o negasse três vezes, mas também o esfrelamento da relação de Pedro como discípulo de Jesus. Indo mais além, é a anulação da personalidade de Pedro como discípulo de Jesus. O seguimento de Jesus foi sempre pautado na opção pelo testemunho da vida, e a atitude de Pedro pode ser interpretada como uma atitude egocêntrica (CÁCIA LÓ, 2020, p. 26). Personalidade essa que será resgatada e reformada depois da Ressurreição, quando Jesus toma a tríplice confissão de amor de Pedro (Jo 21,15-17), confirmando-o na missão de estar à frente da comunidade de fé (Jo 21,17) – *ecclesia* – e renovando o chamado de Pedro para ser seu discípulo através das palavras: “Segue-me” (Jo 21,19).

Querendo possivelmente estar no local onde estava Jesus, ou o que é mais biblicamente relevante pensar que não tinha para aonde ir, Pedro permanece ainda mais um pouco no pátio junto com os soldados que fizeram uma fogueira para se aquecer (Jo 18,18). A companhia de Pedro deixa de ser Jesus para ser alguns desconhecidos que no local permaneciam por causa do serviço ao Sumo Sacerdote. Pedro vai dando passos para assumir sua real identidade depois da negação: desaparecer. Um detalhe precisa ser destacado e que corrobora esta nossa visão: tanto na primeira quanto na segunda negação, João coloca na boca de Pedro como resposta à pergunta se ele era discípulo de Jesus, a expressão “Não sou”, em grego *ouk eimí*. O mesmo não acontece na terceira negação, sendo aludido, no trecho, que Pedro novamente negou, sendo-lhe negado voz ativa (BEUTLER, 2016, p. 415). O caminho realizado é de perda gradual da identidade de Pedro como discípulo de Jesus. E ainda, o desaparecimento de Pedro ficará mais notado em sua ausência diante da crucificação de Jesus. Seria, portanto, a chance de Pedro não somente dar testemunho da pessoa de Jesus, mas de tudo o que afirmou em sua doutrina, cujo núcleo era a *Basileia* de Deus, ou seja, o Reino de Deus (GUERRA, 2019, p. 249).

Beutler (2016, p. 419) afirma que a necessidade de Pedro de aquecer-se se contrapõe à atitude de Jesus que enfrenta o interrogatório de Anás e Caifás sem ter comodidades. Pedro não entende que deve dar testemunho de Jesus, enquanto Jesus não perde a oportunidade de dar testemunho maior de sua missão. A atitude de Pedro, aos poucos, vai aparecendo

no Evangelho de João como uma atitude a não ser imitada nenhum elemento da comunidade que se formaria. Haja vista que João enfatiza o aniquilamento da personalidade de Pedro como discípulo ao negar Jesus, uma vez que para a comunidade joanina negar a Jesus é um duplo movimento: significa, primeiramente abandonar a Jesus e sua missão, e por segundo, quem nega Jesus assume a possibilidade de ser esquecido pelos irmãos. Nesse sentido, há um enaltecimento desde o início do Evangelho joanino do personagem João Batista que não perde a oportunidade de testemunhar Jesus, mesmo não sendo seu discípulo, contrapondo-o à atitude esperada, mas não cumprida de Pedro, para testemunhá-lo frente a esses personagens que o interrogam no pátio do Sumo Sacerdote.

Somente se encontra em João a informação de que, para originar a terceira negação o questionamento é feito por um dos servos do Sumo Sacerdote, parente próximo do soldado Malco, o qual teve a orelha decepada por Pedro no Monte das Oliveiras. Isso torna a pergunta direta, mais incisiva e segura de que a resposta esperada seria afirmativa. É perguntado no versículo 26: “Não te vi no jardim com ele?”. Na frase, o uso do “não” não se trata de dúvida, mas, sim, de ênfase. Esse que faz a pergunta sabe o que está dizendo, está seguro do que viu e reconheceu a Pedro (BEUTLER, 2016, p. 419). Mesmo não estando explícito que jardim é esse, é possível ter como real a presença desse servo do Sumo Sacerdote acompanhando os guardas romanos que capturam Jesus no Monte das Oliveiras. Esse jardim possivelmente alude ao lugar da agonia de Jesus. É interessante notar que a reiterada negação de Pedro, agora, se faz de modo silencioso. João não coloca nenhuma palavra na boca de Pedro. Há o acento no advérbio “novamente”. João afirma que Pedro negou - *palín* - que significa novamente em grego. Terá voz final o galo que canta conforme predito por Jesus em Jo 13,38 (BEUTLER, 2016, p. 419). O canto do galo conclui o enredo confirmando mais uma vez a palavra profética de Jesus sobre a sorte de Pedro nas negações que haveria de proferir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é de se admirar que o episódio das negações de Pedro ficou bem marcado na tradição bíblica cristã do Novo Testamento. Os Evangelhos Sinóticos quanto o de João, a partir de cada peculiaridade, trazem o relato contrapondo a vocação generosa de Jesus com a falta de coragem de Pedro, um dos mais íntimos colaboradores de Jesus e primeiro entre os demais na comunidade dos discípulos. Diante dos questionamentos feitos pelos serviais do Sumo Sacerdote e de um parente de Malco, ao qual se lhe havia decepado a orelha, a memória ainda insipiente dos feitos de Jesus não fora suficiente para encorajar Pedro de modo que pudesse ser, na ocasião, a única testemunha para dizer quem era Jesus. De certo, no relato do encontro de Jesus com Anás e Caifás, o Evangelista João pretende destacar Jesus e não teve esforço algum para reduzir a Pedro, que o fez por meio de sua tríplice negação (BEUTLHER, 2016, p. 420).

Diante do Sumo Sacerdote Caifás, Jesus se mantém firme e sua única defesa se torna seu próprio testemunho. Nem Anás e Caifás estão convencidos do testemunho de Jesus, nem mesmo Pedro, nem os demais personagens. Jesus sabe que o caminho para a Cruz é solitário e somente pode contar com a força do Pai. Perante a pergunta sobre seus discípulos e sua doutrina, Jesus não abre a boca em relação a seus discípulos. Estes, de todo modo não têm culpa alguma se Jesus não estava sendo compreendido pelas autoridades daquele tempo, por isso, passam ilesos de qualquer questionamento (BEUTLER, 2016, p. 420). Por outro lado, mesmo que o questionamento sobre ser ou não discípulo de Jesus não tenha sido feito

pelo Sumo Sacerdote a Pedro, João, no seu Evangelho, coloca os questionamentos feitos ao discípulo e sua tríplice negação com *status* de oficialidade.

Pedro, aos poucos, vai desaparecendo na sua importância como discípulo porque não foi capaz de publicamente afirmar seu compromisso com Jesus. Isso é guardado pela comunidade de tal modo que possa servir de exemplo aos demais que, mesmo diante da oportunidade de martírio, devem testemunhar seu seguimento a Jesus até o derramamento de sangue. A relação Mestre e discipulado não é apenas ensino e aprendizagem, é também adesão, compromisso e fidelidade. Claro que o destino de Pedro não será de pouca importância, porque Jesus, mais adiante no desenrolar do Evangelho, colhe os propósitos de fidelidade do apóstolo e lhe confia novamente a missão de estar à frente da comunidade.

É muito interessante e cheias de significados teológicos as negações de Pedro. No fundo, a tríplice negação mostra a realidade humana fraca e débil diante do mistério de Deus e a dificuldade dos homens e mulheres de corresponder com firmeza aos compromissos que assumem perante a fé. Não se trata de nenhum episódio isolado. No Antigo Testamento, encontram-se vários exemplos de tentativas de quebra de Aliança por parte do Povo de Deus. De certo, se esperavam dos discípulos de Jesus atitudes diferentes, especialmente, por parte de Pedro. No entanto, o fato revela ainda mais a força de Jesus enaltecida no Evangelho de João e a busca do próprio Jesus pacientemente de não perder nenhum de seus colaboradores, insistindo na vocação de Pedro.

Enfim, Johannes Beutler e seu trabalho exegético sobre o Evangelho de João é o que se encontra de mais atual nas pesquisas científicas sobre o tema. Este artigo não teve a pretensão de esgotar o assunto sobre os estudos das negações de Pedro. Pelo contrário, apenas quer ser mais um instrumental de pesquisa e fomentador de debates em torno do tema, visando o crescimento dos trabalhos e provocando demais contribuições.

A STUDY OF PETER'S DENIALS BASEAD ON THE EXEGESIS OF JOHANNES BEUTLHER

Abstract: this article proposes to make an exegetical study of Peter's denials reported in the Gospel of John, in light of the contributions of the German exegete Johannes Beutler. Foretold by Jesus, Peter will publicly deny him. Standing in the courtyard of High Priest Caiaphas, the disciple is questioned about his belonging to the group of those who followed Jesus more closely. Peter responds negatively to the three times he is asked. For Evangelist John, Peter's denial is a lack of testimony of who Jesus is. The triple denial is configured, then, as not only a weakness of the disciple, but the annihilation of his personality as chosen by Jesus. Gradually, Peter's voice disappears to give way only to the voice of the cock that sings, ending the stretch of denials. The article is divided into three parts: the first negation; Jesus' inquiry before the High Priest; and the second and third negations, which are continually described in the Gospel of John.

Keywords: *Gospel of Saint John. Denial. Peter. Johannes Beutler.*

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000.

BEUTLER, Johannes. *Das Johannesevangelium. Kommentar*. Deutschland (Föhren): Herder, 2013.

- BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João*. Comentários. São Paulo: Loyola, 2016.
- CÁCIA LÓ, Rita de. O Evangelho da Vida Nova. *Revista Cadernos ESTEF*. Porto Alegre. n. 64, p. 23-24. Disponível em: <https://cadernosdaestef.wordpress.com/2020/06/02/joao-o-evangelho-da-vida-nova>. Acesso em: 30 jul. 2020.
- GUERRA, Danilo Dourado. O meu reino não se origina neste mundo: perspectivas heterotópicas no face a face entre Jesus e Pilatos em Jo 18,36. *Revista Fronteiras de Teologia da Unicap, Recife*, v. 2, n. 2, p. 244-265, dez. 2019. Disponível em: www.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1513. Acesso em: 30 jul. 2020.
- JAUBERT, Annie. *Leitura do Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- MATEOS, Juan. BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*. Grande comentário bíblico. São Paulo: Paulus, 1999.
- MINCATO, Ramiro. A macroestrutura do Quarto Evangelho. *Teocomunicação*. Porto Alegre. v. 37, n. 155, março, p. 49-59, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/1773>. Acesso em: 30 jul. 2020.